

Capacitação Policial nas Comunidades Pós-Conflito

Segunda-feira, 25 de Outubro 2010
Washington, D.C.

Marshall Hall – Bldg. 62
NDU Opérations, MH 155



Soltem os Scorpions!

**Embaixador (apos.) John Blaney*,
Deloitte Consulting LLP**

Introdução

A análise do policiamento local ao nacional e das organizações relacionadas domina o debate sobre a capacitação da polícia em sociedades pós-conflito, como deveria. Mas é possível haver outra ferramenta no kit? E que tal a criação e utilização de forças policiais de elite em situações pós-conflito?

O termo “polícia de elite” é aqui utilizado apenas para conotar, sem qualquer inferência política, uma unidade relativamente pequena dos melhores polícias de um país — cujos membros estão mais bem treinados e têm melhores recursos do que outras forças policiais. Há, obviamente, grandes histórias de forças policiais de elite no mundo desenvolvido, sendo, talvez, as mais famosas o FBI, a Scotland Yard e muitas outras. Também foram e continuam a ser criadas muitas unidades de polícia de elite em tempos de guerra — como acontece actualmente no Afeganistão — que são geralmente usadas (demasiadas vezes, na minha opinião) como forças militares auxiliares para ajudarem a decidir a luta.

Este estudo, no entanto, foca-se numa questão completamente diferente, ou seja, em países em verdadeira situação de pós-conflito, maioritariamente localizados fora do mundo desenvolvido, as forças policiais de elite podem ser usadas de forma efectiva para aumentar a segurança e a estabilidade? Aqui o estudo de caso é a África do Sul e a sua criação no início de 2001 da Direcção de Operações Especiais (DSO), mais conhecida como “os Scorpions”.

Por uma questão de transparência, devo informar que estive envolvido com os Scorpions. De 1999 a 2002, fui várias vezes Chefe da Missão ou Chefe Interino da Missão dos Estados Unidos na África do Sul. Nessa qualidade, chefei e promovi a assistência do governo dos Estados Unidos aos Scorpions e também solicitei o envolvimento do FBI, nomeadamente à então Directora Janet Reno. Apesar da óbvia tendenciosidade, vou procurar ser o mais objectivo possível. Certamente são bem-vindos outros pontos de vista sobre este tema raramente examinado e pouco documentado.

Contexto

Nelson Mandela e F.W. de Klerk mereceram o Prémio Nobel que receberam conjuntamente em 1993. Eles não se limitaram a pontificar sobre algo ou a registar algum progresso parcial num processo de paz. Juntos, desviaram brilhantemente a África do Sul do abismo de uma guerra racial em expansão que já estava a ocorrer.

No entanto, a África do Sul foi e é uma sociedade pós-conflito, com feridas e cismas profundos. O tratamento completo das complexidades da África do Sul está além do alcance deste artigo, mas basta dizer que a África do Sul pós-apartheid nunca desfrutou de paz social e segurança adequadas. Há muitas razões para esta situação, algumas das quais estão enraizadas na história do apartheid.

As leis de segurança interna do período do apartheid penalizaram muitas actividades diárias para a maioria dos negros e outros não-brancos. Fui testemunha dos actos do apartheid no início da década de 1980. Ao mesmo tempo que a luta contra o apartheid

ganhava ímpeto, tornava-se cada vez mais difícil distinguir os comportamentos da resistência política dos actos criminosos, fosse de que perspectiva fosse.

Isto pode parecer uma história muito antiga, mas não é. A indelével marca psicológica que a luta e a transição deixaram na população é deveras relevante para a situação actual da segurança na África do Sul. Chamemos-lhe uma “cultura de violência”, mas as práticas dessa era, o uso frequente da violência pelo Estado no apartheid, e também pelos revolucionários anti-apartheid, deixaram um legado a muitos sul-africanos: a rápida utilização da violência para resolução dos problemas.¹ E, sem dúvida, com os combates, uma entrada de armas na África do Sul que continuou a partir daí.² Em resumo, essa cultura de violência fundiu-se de uma forma explosiva com uma sociedade fortemente armada.

Claro que seria um erro dizer que todos os problemas relacionados com o crime na África do Sul se devem ao apartheid. Os dados demográficos da África do Sul são contra a estabilidade. Há demasiada pobreza, desigualdade de rendimentos, corrupção e animosidades étnicas e tribais.

É importante salientar que a África do Sul é um país de jovens com uma idade média de apenas 24,7 anos e com uma taxa de desemprego de cerca de 24 %.³ Embora o crescimento real do produto interno bruto anual na África do Sul atinja frequentemente 5 % ou mais, uma taxa de desemprego

¹ Consultar “Crime in South Africa: A country and cities profile”, Schönteich e Louw, Institute for Security Studies, Occasional Paper No. 49, 2001, p. 5. Os autores deste estudo fizeram uma boa discricção das tendências criminosas na África do Sul na virada do século. Depois disso nunca vi mais nada tão bem escrito sobre este assunto.

² Ibid.

³ Central Intelligence Agency, The World Fact Book, África do Sul, idade média.

significativamente inferior exigiria uma taxa muito mais rápida de crescimento real da economia.

Assim, a situação económica também pressiona fortemente a estabilidade social e a construção e manutenção do Estado de Direito, especialmente se agregada à equação a migração rural-urbana e a pressão da imigração de países vizinhos. Em suma, muitos sul-africanos negros apreciam o facto do poder político se ter deslocado para a maioria (ou seja, para eles), mas os grandes benefícios económicos esperados, em geral, não se concretizaram.

Tudo isto seria suficiente para explicar a pressão do crime na África do Sul, mas é necessário um pouco mais de contexto.

Dinâmica da transição e segurança

A nível político, a África do Sul pós-apartheid tem sido dominada pelo partido que liderou a luta pelo governo da maioria, o Congresso Nacional Africano (ANC). Durante vários anos, verificou-se uma partilha de poder sob o Governo da Unidade Nacional (GNU) mas isso já acabou. Como é que um então partido revolucionário se torna o partido no governo é sempre uma questão interessante e são complexos os efeitos provocados na segurança pelo acesso do ANC ao poder.

O estabelecimento de um novo e eficaz sistema de Estado de Direito pós-apartheid tem sido um desafio difícil e contínuo para a África do Sul. Por exemplo, a criação do Serviço de Polícia da África do Sul (SAPS) pós-apartheid foi essencialmente uma fusão de muitas agências policiais, mais uma infusão de um pequeno número de

elementos dos exércitos de libertação.⁴ Com o passar do tempo, aumentou o número de sul-africanos até então marginalizados, por vezes revolucionários, mas geralmente pouco qualificados que integraram as forças policiais e alguns foram rapidamente colocados em posições de chefia e até em posições ministeriais. A nível psicológico, alguns recém-chegados fizeram a transformação pessoal de membros da oposição ou revolucionários para sinceros representantes do governo, mas outros usaram as suas nomeações de uma forma ineficaz ou corrupta. O importante aqui é que a mudança para uma força policial e para um governo mais representativo da população, apesar de absolutamente necessária, não se deu sem custos transicionais institucionais.

Além disso, a polícia só pode ser eficaz se o sistema de justiça penal funcionar adequadamente. Os factos sugerem que no início do período de transição da África do Sul de 1994 a 2000, mesmo antes do lançamento dos Scorpions, havia um problema com as taxas de condenação por delitos graves. Até 1999, elas tinham caído para menos de 9 % para todo o tipo de crimes e eram muito inferiores para os delitos graves.⁵ Não há dúvida que o fluxo transicional de entrada e saída de pessoal e a concomitante desmoralização tiveram efeitos desestabilizadores sobre os tribunais e outras instituições de justiça penal, e não apenas sobre a polícia.

Nem a maioria negra da população, agora no poder, abraçou o SAPS e outras instituições

de manutenção da ordem pública, apesar da infusão de não-brancos nessas instituições e das reformas doutrinárias concebidas para tornarem a polícia mais responsável para com as pessoas e as comunidades locais. Afinal, durante muitos anos, a polícia tinha funcionado para proteger, essencialmente, o governo da minoria branca. As atitudes não mudam de um dia para o outro. Nem a atitude das pessoas, nem a da polícia para com o povo ajustou-se rapidamente só porque houve uma mudança política importante. Isso levaria tempo, treino e ajustamento psicológico de todas as partes, e ainda é um trabalho em progresso.

Além disso, a polícia só pode ser eficaz se o sistema de justiça penal funcionar adequadamente.

Pelo seu lado, os sul-africanos brancos aceitaram o governo da maioria de várias maneiras. Alguns estavam determinados a fazer todo o possível para que a nova África do Sul funcionasse, enquanto outros se tornaram bastante cínicos. Alguns deixaram o país. Certamente relacionado com as fraquezas das instituições de manutenção da ordem pública sul-africanas de transição, o crime de colarinho branco aumentou. O crime organizado também aumentou no período pós 1993, estimulado pelas enfraquecidas instituições de manutenção da ordem pública da África do Sul. A grande parte do aumento do crime organizado foi provavelmente endógena, mas também me lembro de ver figuras internacionais do crime, literalmente, a mudarem-se para os melhores bairros de Pretória durante essa época. As ligações internacionais ao submundo foram sendo estabelecidas ou reforçadas.

⁴ Consultar “Post Conflict Police Reform in South Africa and other African Countries”, Geyer, IDASA, p. 2. O autor salienta que foram amalgamadas onze agências policiais juntamente com elementos dos exércitos de libertação. www.idasa.org

⁵ Schönteich e Louw, op. cit., p. 6. Alguns dados: 2 % de condenações por roubo de carros, 3 % por roubo à mão armada, e 8 % por estupro.

A entrada dos Scorpions

Na realidade, havia a crença popular errônea na África do Sul de que, assim que se alcançasse a paz, o crime, e especialmente o crime violento, diminuiria. Registrou-se um breve nivelamento do crime não violento após 1994, mas até ao final da década de 1990 aumentou cerca de 7 % por ano.⁶ O crime violento foi pior. Aumentou consistentemente desde 1994 e no fim do século tinha aumentado para níveis impressionantes de 9 % ao ano.⁷

No final da década de 1990, a África do Sul encontrava-se num poderoso furacão social, económico, político e penal de transição que fazia subir ainda mais as já de si elevadas taxas de criminalidade. Tanto Nelson Mandela, o primeiro presidente da África do Sul pós-apartheid, como o seu sucessor, Thabo Mbeki, entenderam a gravidade do que se tinha tornado não numa situação, mas numa crise.

A DSO, os Scorpions, foi lançada no início de Janeiro de 2001. O conceito era simples, mas potente. Os membros dos Scorpions seriam muito selectos, os melhores agentes de manutenção da ordem pública na África do Sul. Eles e os novos recrutas depois receberiam formação em abundância. Como grupo de elite, ganhariam mais do que os seus congéneres do SAPS e receberiam muito mais apoio em todas as áreas. Também lhes seria permitido concentrarem-se em menos casos (ou seja, a sua carga de trabalho era inferior à dos seus congéneres do SAPS).

A composição e missão dos Scorpions merecem atenção. A unidade era intencionalmente interdisciplinar. Aos investigadores, foram combinados os

promotores, os agentes dos serviços de informação e os peritos financeiros e forenses. Até que foi dissolvida em 2008, geralmente havia cerca de 500 Scorpions; não era uma organização muito grande. O objectivo central dos Scorpions era investigar casos criminosos de alto nível, especialmente o crime organizado. O seu alvo, no entanto, diversificou-se ao longo do tempo e eles passaram a tratar de casos de traficantes de drogas, “golpistas”, extorsionistas, assassinos, políticos e polícias corruptos e até de terroristas.

A nível organizacional, e este é um aspecto importante, não foram colocados sob o SAPS, mas funcionaram de uma forma muito independente sob o controlo da National Prosecuting Authority (NPA), órgão nacional da promotoria. O seu primeiro líder foi ninguém mais do que Frank Dutton, o famoso equivalente do “Elliot Ness” da África do Sul, mas ele foi em seguida habilmente substituído por Leonard McCarthy. Bulelani Ngcuka, o diretor nacional da NPA, foi uma força motriz dos Scorpions durante muitos anos.

Destemidos, os Scorpions derrubaram muitos reis do crime como se fossem pinos de boliche. Foram efectuadas enormes apreensões de drogas, fundos ilícitos, e muitas prisões de alta visibilidade. As suas taxas de condenação subiram vertiginosamente para cerca de 90 % (ou seja, cerca de dez vezes mais do que a taxa do SAPS), e seguiam-se uma à outra com regularidade. As incursões dos Scorpions contra crimes de colarinho branco e políticos corruptos andavam de boca em boca. Era impressionante.⁸ Tudo isso era

⁶ Ibid., p. 2.

⁷ Ibid., p. 3.

⁸ Embora eu ainda não tenha conseguido ver os dados brutos sobre as prisões efectuadas pelos Scorpions, é provável que esses números fossem enganosos. Foi o alto nível e a qualidade das prisões e condenações, e não os números brutos, que impactaram a África do Sul de uma forma tão drástica.

particularmente embaraçoso para o SAPS. Geralmente, os Scorpions mudavam-se para uma jurisdição do SAPS e desmantelavam operações criminosas sem que o SAPS sequer se desse conta. A implicação, ou seja, que o SAPS era em grande parte “comprado” e que não era digno de confiança, era demasiado evidente.

O FBI prestou uma inestimável assistência aos Scorpions. A sua prestigiada Academia Nacional formou pelo menos 70 elementos dos Scorpions; a Scotland Yard também treinou um pequeno grupo. O treino incluiu muitos tópicos e tipos diferentes de investigação, entre eles homicídio, e os que se formaram em Quantico voltaram para a África do Sul com um nível novo, mais alto, e totalmente determinados a obter sucesso. Além disso, o facto de os Scorpions terem uma relação com o FBI ajudou muito a fortalecer a sua reputação.

Os Scorpions tornaram-se quase míticos. O moral de um público de várias etnias, atemorizado e vitimizado, subiu. O mundo do crime temia realmente os Scorpions. Houve, certamente, um significativo efeito de dissuasão do crime associado aos Scorpions em todos os aspectos, mas de uma forma especialmente pronunciada no crime de alto perfil. Apesar dos primeiros governos dirigidos pelo ANC já serem mais estáveis do que muitos regimes pós-conflito, a sua legitimidade foi, no entanto, fortalecida à medida que demonstravam através dos Scorpions a vontade e os meios para lutar contra uma aterradora onda de crime.

Deve salientar-se que os Scorpions também se moveram com eficácia contra os terroristas. Apanharam o infame bombista da Al-Qaeda, Khalfan Khamis Mohamed (KKM), que agora se encontra detido nos Estados Unidos. Foram contra a PAGAD, um grupo terrorista sediado em Cape Town,

responsável pelos atentados letais no Planet Hollywood assim como outros homicídios e crimes graves alegados.

Avaliação dos Scorpions

À medida que extorsionistas, traficantes, criminosos de colarinho branco e elites corruptas, incluindo autoridades do ANC, homens de negócios e generais eram derrubados pelos Scorpions, as objecções às suas actividades tornavam-se cada vez mais audíveis. Os fantoches políticos desses criminosos e outros reclamavam, afirmando que os Scorpions estavam fora de controlo, eram arrogantes, corruptos, e até mesmo ilegais segundo a Constituição da África do Sul. Os Scorpions também foram atrás de autoridades policiais corruptas, incluindo mesmo Jackie Selebi, o Comissário da Polícia Nacional do SAPS, e um *insider* de Mbeki. O SAPS começou a prender Scorpions e vice-versa.

Em 2005, o Presidente Mbeki pediu à Juíza Sisi Khampepe que formasse uma comissão para analisar a utilidade e as alegações contra os Scorpions. A comissão foi encarregada de examinar, em particular, se havia justificação para a existência dos Scorpions e divulgou seu relatório final em Fevereiro de 2006.⁹

O que é notável a respeito desse relatório é que nem sequer foi aventada a hipótese de que os Scorpions fossem ineficazes. O relatório final de 2006 afirma que os Scorpions tinham tido um “sucesso sem precedentes” que tornou inevitável o conflito com o SAPS.¹⁰ Embora salientando

⁹ Comissão de Inquérito Khampepe, “The Commission of Inquiry into the Mandate and Location of the Directorate of Special Operations (‘The DSO’) Final Report”, Fevereiro de 2006, Pretória, África do Sul.

¹⁰ *Ibid.*, p. 5.

a queda dos níveis de criminalidade (devido aos Scorpions), a Comissão Khampepe afirmou que a ameaça do crime organizado ainda “representa uma ameaça que precisa de ser enfrentada através de uma estratégia eficaz abrangente”.¹¹

O relatório também afirma que o quadro jurídico dos Scorpions não se encontrava em conflito com a Constituição da África do Sul. Recomendava, porém, algumas medidas destinadas a reforçar a supervisão dos Scorpions, e repreendia-os pela sua arrogância com os *media*. Mas basicamente é impossível ler o relatório como outra coisa que não seja uma recomendação para manter os Scorpions. A pressão para absorver os Scorpions no SAPS, ou, pelo menos, para retirá-los da tutela do serviço do promotor público da África do Sul, foi desviada, mas apenas por enquanto.

Sem dúvida que, como em todas as organizações, havia algumas maçãs podres na cesta, mas a maioria dos Scorpions actuava segundo as regras. No entanto, não há dúvidas que, por vezes, os Scorpions fizeram tudo para entreter os *media*, constringendo muitas vezes o SAPS.

Os dados do SAPS sugerem que entre 2003 e 2010, e certamente desde meados da década de 1990, o nível muito elevado de assassinios e outros crimes graves entrou em declínio ou estabilizou; no entanto, é difícil afirmar que percentagem desse declínio se pode atribuir aos Scorpions.¹² Afinal, os Scorpions eram uma pequena unidade;

¹¹ Ibid., p. 8.

¹² “The Crime Situation in South Africa”, Serviço da Polícia Sul-Africana, na Internet, 2009/2010, pp. 1 e 3. A melhoria, no entanto, deve ser colocada num contexto internacional. A taxa de homicídios e outros crimes graves na África do Sul tem sido muito elevada desde a viragem do século; ver, por exemplo, “Crime Statistics for South Africa”, www.capegateway.gov.za/eng/pubs/public_info/C/86878/1

minúscula, se comparada com o SAPS e com outros elementos das forças de manutenção da ordem pública. Além disso, a criminalidade violenta na África do Sul continua a ser um problema enorme até agora. Até mesmo o actual presidente da África do Sul, Jacob Zuma, diz que o país é o mais violento do mundo.¹³ Apesar disso, parece certo, porém, que as áreas mais específicas do crime organizado, narcotráfico, corrupção e crime de colarinho branco foram todas atingidas pelos Scorpions.

Assim, os Scorpions fizeram o seu trabalho. Mas o que é menos compreendido e muito importante até hoje são os benefícios indirectos dos Scorpions não apenas para as forças sul-africanas de manutenção da ordem pública, mas também para a governação e para o processo de transição no seu todo.

Os efeitos de demonstração

A unidade Scorpions foi uma espécie de experiência, nascida do desespero, decerto, mas uma experiência bem pensada, apesar disso. Por exemplo, uma porção menos celebrada do relatório da Comissão Khampepe tratou da metodologia dos Scorpions e do motivo porque alcançaram tanto sucesso, especialmente em processos judiciais bem-sucedidos.

Uma secção do relatório compara métodos tradicionais muito menos bem-sucedidos (especialmente os do SAPS e do policiamento comunitário) com “o princípio da troika” dos Scorpions, que combina e reúne as capacidades dos investigadores, dos operativos e analistas de informações e dos

¹³ “South Africa’s Crime Statistics: What it means for 2010”, www.pascorisk.com/world-cup-2010, artigo número 29.

promotores. Conclui: “Parece não existirem razões para que a base de competências que foi construída pela DSO não possa ser ampliada para incluir outras agências de manutenção da ordem pública, como a Unidade do Crime Organizado (OCU) do SAPS”.¹⁴

A prática de reunir investigadores, operativos e analistas de informações e promotores representa uma abordagem única na manutenção da ordem pública moderna, como salientou o relatório Khampepe.¹⁵ No caso dos Scorpions, essa prática teve resultados extremamente eficazes, em termos de investigações com sucesso, seguidas de taxas de condenações bastantes elevadas no sistema judicial sul-africano. Representa um modelo alternativo de manutenção da ordem pública que pode ser útil em circunstâncias difíceis apresentadas por muitos estados em transição.

Embora seja certamente verdade que a animosidade entre o SAPS e os Scorpions atrasou a reforma do SAPS nessa direcção, no fim o SAPS, a contragosto, aprendeu a metodologia dos Scorpions. Esse efeito de demonstração positiva dos Scorpions sobre o SAPS também deve ser reconhecido e, provavelmente, aumentou, quando alguns ex-Scorpions voltaram para as fileiras do SAPS. Mas a demonstração de resultados superiores e das melhores metodologias dos Scorpions pode não ter sido apenas o único ou mesmo o benefício indirecto mais importante da sua experiência.

O outro principal benefício de demonstração talvez seja um pouco mais difícil de entender pelos ocidentais. Em África, os polícias são executores implacáveis ao serviço do poder, como foi o caso durante o apartheid e os notórios programas contra-

revolucionários das forças policiais na altura. Os líderes africanos podem cortejar a polícia, que desempenha papéis políticos e de segurança nos seus países.

Quando teve início a transição na África do Sul, e anos depois disso, a ênfase no policiamento não era tornar a polícia mais eficaz mas antes assegurar que ela estivesse sob o controlo político do ANC. Foram construídas instituições e salvaguardas para conter a polícia, não para melhorar a sua eficácia. Acima de tudo, nunca mais devia ser permitido que uma polícia que não inspirava confiança voltasse a violar de forma maciça os direitos humanos, e as comunidades deviam ser protegidas dela.

Aparecem os Scorpions: durante anos, uma demonstração nítida para todos os sul-africanos e, sem dúvida, para outros países de que era possível realizar um trabalho policial muito melhor e mais honesto e atacar com sucesso o crime, respeitando, ao mesmo tempo, os direitos humanos e permanecendo apolítico. Essa é uma demonstração valiosa. A longo prazo, pode ser a contribuição mais importante da experiência dos Scorpions.

Autópsia dos Scorpions

A unidade dos Scorpions morreu como tinha vivido; sem medo. Ela perseguiu a corrupção e o crime onde quer que estivessem.

E eles foram encontrados em níveis muito elevados do ANC. Conforme mencionado, eles foram atrás do Comissário da Polícia Jackie Selebi, uma figura nacional. A amizade de Selebi com um narcotraficante abriu o caminho à sua condenação por corrupção. Pouco tempo depois de terem ganho o seu caso contra Selebi, os Scorpions

¹⁴ Comissão Khampepe, op. cit., pp.107-111.

¹⁵ Ibid., p. 102.

foram desmantelados. Caracteristicamente, eles também tinham estado a investigar o então Vice-Presidente Jacob Zuma, por corrupção e ofensas sexuais. Ele é o actual Presidente da África do Sul. Jacob Zuma afirmou que tinha sido vitimizado por essas investigações. O Comité Executivo Nacional do ANC reuniu-se no princípio de 2008 e basicamente terminou com os Scorpions.¹⁶

Conclusões/lições aprendidas

De um modo geral, não existem dúvidas de que os Scorpions tiveram sucesso na África do Sul. O seu ataque directo sobre o crime organizado e de colarinho branco, bem como sobre a corrupção ao mais alto nível, é hoje legendário. Provavelmente, também poderia ser afirmado que eles ajudaram a diminuir a criminalidade violenta em todos os níveis, mas isso seria difícil de provar.

Os impactos indirectos dos Scorpions podem ser ainda mais importantes a longo prazo. Certamente, a sua metodologia interdisciplinar é reconhecida como superior, apesar de bastante dispendiosa. No entanto, a sua incapacidade de forjar um relacionamento complementar com o SAPS, apesar de até certo ponto ser inevitável, sobressai como uma deficiência grave. A polícia de elite não deve procurar diminuir a força policial maior e, em última análise, os Scorpions não conseguiram resistir a fazê-lo.

A demonstração que os Scorpions fizeram em África que uma organização policial podia ser relativamente honesta e trabalhar para o povo, não para o suprimir, mas para o servir e reduzir o crime, seria difícil de supervalorizar. A África do Sul deveria ter mantido os Scorpions, mas, obviamente,

como um sábio resumiu muito bem, “a traça chegou-se demasiado à chama”.

No que diz respeito à aplicabilidade a outros países, todas as situações de pós-conflito são claramente diferentes. Deve ser efectuado um trabalho cuidadoso e integrado por muitas partes para se projectar dinamicamente uma maneira distinta em cada situação pós-conflito única a fim de se alcançar uma estabilidade e segurança sustentáveis. A África do Sul é muito rica em recursos e pode fazer coisas que muitos países em situações pós-conflito não podem fazer. Além disso, as instituições sul-africanas são mais desenvolvidas do que as de muitos países em situação de pós-conflito, apesar de essas mesmas instituições não terem sido suficientemente fortes para proteger politicamente os Scorpions. Também pode ser importante salientar que a experiência dos Scorpions não foi efectuada até quase sete anos após a mudança de poder na África do Sul. Pode não ser viável ou sábio lançar esses esforços controversos muito perto temporalmente dos traumas habituais iniciais à volta das transições do poder político.

Por outro lado, a estabilização e reconstrução pós-conflito, normalmente, não são um empreendimento individual. Em geral, não estão envolvidos apenas dadores bilaterais mas também as instituições financeiras internacionais. No entanto, um dos principais problemas é a relutância política dos dadores em apoiarem a promoção da capacidade de segurança em outros países devido às suas próprias restrições políticas internas. Os políticos dos países dadores estrangeiros são, muitas vezes, muito relutantes em apoiarem a promoção da capacidade da polícia ou dos exércitos dos outros países, mesmo quando é imperativo fazê-lo, porque é impopular em casa.

¹⁶ Para um resumo interessante desses eventos, consulte “A Requiem for the Scorpions”, no Commentary South Africa www.commentary.co.za

Assim, isso coloca em xeque a questão da aplicabilidade de uma polícia de elite em situações pós-conflito. O facto de exigir uma grande quantidade de recursos financeiros e de apoio político interno (e, em muitos casos, exógeno) impedirá muitos países de tentarem criar uma unidade policial de elite.

De facto, é aqui que eu pretendia originalmente concluir o meu breve estudo de caso sobre polícias de elite em países pós-conflito. Mas, após estudar a história dos Scorpions, não o posso fazer. Há uma certa ousadia e sucesso a respeito dos Scorpions que é atraente, como uma forma de dar esperança às sociedades pós-conflito, quando, na maioria dos casos, ela quase não existe. A unidade dos Scorpions também foi um exemplo inestimável de uma polícia relativamente honesta e apolítica. Mostrou a milhões de pessoas que é possível que a polícia sirva e proteja o povo com lealdade. Esse conceito é praticamente desconhecido em muitas partes do mundo, não apenas em África. Além disso, os muitos países em situação de pós-conflito perdem legitimidade aos olhos do seu povo porque não podem ou não querem combater o crime. Embora haja riscos associados ao policiamento de elite que tenha como modelo os Scorpions, em muitos casos poderia também resultar em maior legitimidade e estabilidade do regime.

Então, em que é que ficamos? É verdade que seria muito difícil replicar esse policiamento de elite noutro lugar. Mas, com suficiente criatividade e vontade política exógena e interna, o tipo de policiamento de elite dos Scorpions poderia ser recriado e não deve ser esquecido como instrumento possível e muito forte no nosso kit de ferramentas pós-conflito. Um dos poucos que se atreve a lutar contra o que talvez seja o mais pernicioso de todos os cancros das sociedades pós-conflito e de outras sociedades — a corrupção.

© 2010 Deloitte Consulting LLP

Esta publicação contém apenas informações gerais e nenhuma das Deloitte Touche Tohmatsu Limited, Deloitte Global Services Limited, Deloitte Global Services Holdings Limited, the Deloitte Touche Tohmatsu Verein, qualquer das firmas associadas ou qualquer uma das afiliadas mencionadas anteriormente (colectivamente designadas “Deloitte Network”) estão, para efeitos desta publicação, a dar aconselhamento ou serviços contabilísticos, comerciais, financeiros, de investimento, jurídicos, fiscais ou outros. Esta publicação não substitui esses serviços ou consultoria profissional nem deve ser usada como base para qualquer decisão ou acção que afecte as suas finanças ou a sua empresa. Consulte um profissional qualificado antes de tomar qualquer decisão ou empreender qualquer acção que possa afectar as suas finanças ou o seu negócio. Nenhuma entidade na Deloitte Network será responsável por qualquer perda sofrida por qualquer pessoa que confie nesta publicação.

***Embaixador (apos.) John Blaney**
Principal Consultor
Deloitte Consulting LLP

Na qualidade de Embaixador dos EUA na Libéria (2002-2005), John Blaney terminou com sucesso uma guerra civil de 14 anos no campo de batalha e desempenhou um papel importante na remoção de Charles Taylor do poder. Também concebeu e implementou uma grande parte do programa multilateral de estabilização e recuperação pós-guerra da Libéria de forma a garantir a paz, a transição democrática e a construção da nação, incluindo o desarmamento de cerca de 110 000 combatentes de três exércitos. Pelas suas realizações na Libéria, o Embaixador Blaney recebeu a Comenda por Serviços Eminentíssimos do Presidente, a Medalha de Honra com Distinção do Secretário de Estado (a mais alta condecoração do Departamento de Estado] e a Ordem da Redenção, Knight Great Band por intervenções ousadas e corajosas que levaram ao estabelecimento da paz na Libéria.

Ex-oficial do Exército dos EUA e professor em West Point, formou-se na Syracuse University (BA) e na Georgetown University (MSFS). É ainda detentor de muitas outras distinções e condecorações que recebeu durante a sua carreira. Actualmente, o Embaixador Blaney trabalha com a Deloitte Consulting LLP. Entre as suas muitas actividades, desenvolveu e ensina “Negociações em Ambientes Inseguros” a membros da Equipa Interministerial de Reconstrução Provincial dos EUA a caminho do Iraque. Também é consultor da Wall Street numa gama variada de tópicos e países.